**O uso de plantas medicinais no âmbito da promoção da saúde no Brasil: uma revisão integrativa**

**The use of medicinal plants in the context of health promotion in Brazil: an integrative review**

**El uso de plantas medicinales en el contexto de la promoción de la salud en Brasil: una revisión integradora**

Recebido: 24/10/2021 | Revisado: 30/10/2021 | Aceito: 04/11/2021 | Publicado: 07/11/2021

**Tiago Antônio Heringer**

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7024-7891

Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil

E-mail: antoniother408@gmail.com

**Ivinildo José Vilichane**

ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0138-4336

Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil

E-mail: ivilichane2012@gmail.com

**Edna Linhares Garcia**

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9542-6340

Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil

E-mail: edna@unisc.br

**Suzane Beatriz Frantz Krug**

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2820-019X

Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil

E-mail: skrug@unisc.br

**Lia Gonçalves Possuelo**

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6425-3678

Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil

E-mail: liapossuelo@unisc.br

**Resumo**

As plantas medicinais são uma das primeiras formas de medicamento conhecido na humanidade através de chás, e atualmente ainda são utilizadas como uma forma de promover saúde e bem-estar. Apesar de fazer parte dos programas governamentais, as plantas medicinais e fitoterápicos ainda não são indicados com frequência. Diante desta realidade, buscou-se identificar o uso de plantas medicinais como fator na promoção de saúde, realizando uma revisão integrativa, incluindo-se as bases de dados PUBMED, LILACS e SCOPUS. Foram utilizados os descritores “Plantas Medicinais e Promoção da Saúde”, para seleção dos artigos publicados de 2001 a 2021. Foram selecionados 22 artigos para análise. O conhecimento sobre o uso das plantas medicinais é passado de geração em geração no ambiente familiar, e os estudos demonstram que ainda existe uma barreira entre o conhecimento acadêmico e o saber popular, evidenciado pelas pesquisas que tratam da visão dos profissionais sobre o encorajamento ao uso das mesmas. Há uma tendência na melhora de pacientes com o uso das plantas medicinais no que tange o aspecto de qualidade de vida e bem estar, sendo as rodas de conversa e hortas terapêuticas as principais formas de integração entre promoção de saúde e plantas medicinais e as melhores maneiras de diminuição dessa distância de saberes.

**Palavras-chave:** Plantas medicinais; Promoção da saúde; Profissionais da saúde.

**Abstract**

Medicinal plants are one of the first forms of medicine known to mankind through teas, and nowadays they are still used as a way to promote health and well-being. Despite being part of government programs, medicinal plants and herbal medicines are still not often indicated. Given this reality, we sought to identify the use of medicinal plants as a factor in health promotion, performing an integrative review, including the PUBMED, LILACS and SCOPUS databases. The descriptors “Medical Plants and Health Promotion” were used to select articles published from 2001 to 2021. Twenty-two articles were selected for analysis. Knowledge about the use of medicinal plants is passed from generation to generation in the family environment, and studies show that there is still a barrier between academic knowledge and popular knowledge, evidenced by research dealing with the view of professionals on encouraging their use the same. There is a trend in the improvement of patients with the use of medicinal plants regarding the aspect of quality of life and well-being, with conversation circles and therapeutic gardens being the main forms of integration between health promotion and medicinal plants and the best ways of decreasing this distance of knowledge.

**Keywords**: Medicinal plants; Health promotion; Health professionals.

**Resumen**

Las plantas medicinales son una de las primeras formas de medicina conocidas por la humanidad a través de los tés, y hoy en día todavía se utilizan como una forma de promover la salud y el bienestar. A pesar de formar parte de programas gubernamentales, las plantas medicinales y las hierbas medicinales todavía no están indicadas con frecuencia. Ante esta realidad, se buscó identificar el uso de plantas medicinales como factor de promoción de la salud, realizando una revisión integradora, incluyendo las bases de datos PUBMED, LILACS y SCOPUS. Se utilizaron los descriptores “Plantas medicinales y promoción de la salud” para seleccionar los artículos publicados entre 2001 y 2021. Se seleccionaron veintidós artículos para el análisis. El conocimiento sobre el uso de plantas medicinales se transmite de generación en generación en el ámbito familiar, y los estudios muestran que aún existe una barrera entre el conocimiento académico y el conocimiento popular, evidenciado por investigaciones que abordan la visión de los profesionales sobre el fomento de su uso de las mismas. Existe una tendencia en la mejora de los pacientes con el uso de plantas medicinales en el aspecto de calidad de vida y bienestar, siendo los círculos de conversación y los jardines terapéuticos las principales formas de integración entre la promoción de la salud y las plantas medicinales y las mejores formas de disminuyendo esta distancia de conocimiento.

**Palabras clave**: Plantas medicinales; Promoción de la salud; Profesionales de la salud.

**1. Introdução**

O uso de plantas medicinais (PM) data de milênios, sendo os sumérios a primeira civilização a ter registros escritos de receitas e formas de preparo. O primeiro livro sobre PM, utilizando diversas partes de plantas, para os mais diversos fins, vem da China com o imperador Shen Nung, por volta de 2500 a.C. Outra prova da ancestralidade da utilização das PM são os livros sagrados como: os vedas, os papiros de Éber e os livros do judaísmo e cristianismo, na Grécia, por volta de 350 d.C, Teofrasto publicou o primeiro livro da botânica chamado “a história das plantas”, fundando assim esse ramo da ciência (Petrovska, 2012; Šantić et al., 2017).

A medicina tradicional foi disseminada do oriente para o resto do mundo sendo alavancada pelo comércio de especiarias. Atualmente a indústria depende em parte do estudo e descoberta de novos fármacos através de PM, sendo de fundamental importância o melhoramento das técnicas de análise e extração para isolamento de princípios ativos úteis na obtenção de novos medicamentos (Dar et al., 2017; Fitzgerald et al., 2019). Um dos fatores que devem ser levados em consideração na utilização da PM são as nuances culturais, onde cada povo tem sua cultura e sua forma de uso, apesar de haver a necessidade da orientação sobre os cuidados na sua utilização, que não está livre de efeitos indesejados (Badke, et al., 2019).

O Brasil possui uma enorme diversidade botânica, cerca de 20% das espécies de plantas de todo o mundo são encontradas no país, o que corresponde a cerca de 45 mil espécies. Entre os anos de 1988 e 2016 foram publicados 34.614 com pesquisas voltadas a produtos naturais, sendo a maioria deles vinculados ao estudo de plantas medicinais (Ribeiro et al., 2018). Em nosso país, o uso das PM é vasto e a pluralidade da população trouxe muitos conhecimentos sobre essa forma de tratamento natural, mas esse saber coletivo não impossibilita as intoxicações e efeitos colaterais causados pelas PM, já que os mecanismos de ação não são bem determinados e podem causar interações com outros fármacos causando toxicidade (Shirabayashi et al., 2021).

O avanço da indústria farmacêutica, no início do século passado, fez com que o interesse em produtos naturais fosse sendo cada vez menor, contudo, essa realidade está mudando atualmente a Organização Mundial da Saúde (OMS) encoraja o uso e a pesquisa com plantas medicinais. No Brasil a partir de 2006, foi publicada a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), que introduziu as plantas medicinais e a fitoterapia na atenção primária (Mattos et al., 2018).

A prática de atenção à saúde no Brasil tem visado expandir a visão e o conceito de saúde-doença, proporcionando a integralidade das pessoas, a partir dos anos 80 começou a ganhar força no âmbito nacional o debate sobre as PIC´s (práticas integrativas e complementares), que visavam passar a população um novo conceito de saúde, que questionasse o contexto hegemônico e trouxesse à tona novas formas de legitimar práticas e saberes da comunidade (Santos et al., 2019). As PIC´s são práticas que visam o cuidado, mas uma visão mais individual, focada nas necessidades de cada indivíduo, somente em 2006 que essas práticas se tornaram institucionais, sendo validadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e fomentadas a partir de 2017 e 2018. Dentre essas práticas estão as plantas medicinais e fitoterapia (Badke, et al., 2019).

A promoção em saúde (PS) tem na vertente educacional um importante caminho para a efetivação da melhoria da qualidade de vida da população. O investimento na formação do educador é um dos pilares para a compreensão de que, a valorização da autoestima e da autonomia, são fundamentais para o desenvolvimento e a promoção em saúde (Brizzolla et al., 2018). A aplicabilidade da promoção da saúde depende basicamente da educação e capacitação da comunidade, visto que, muitos efeitos adversos e comorbidades poderiam ser evitadas se houvesse uma iniciação escolar de conteúdos relacionados à saúde, o que traria diversos benefícios como o aumento na segurança dos pacientes, a melhora na qualidade de vida deles e uma melhora significativa na utilização dos recursos da saúde (Corrêa et al., 2013).

Uma ação que visa a integração entre as PM e a PS é o programa das farmácias vivas, programa governamental que faz parte das PNPIC’s e é dividido em três categorias: a categoria I onde as plantas são cultivadas e entregues in natura pra que a própria pessoa faça o beneficiamento e uso, a categoria II onde as plantas são entregues secas e prontas para o uso final, e a categoria III onde são entregues aos indivíduos os extratos já preparados e dosados para a utilização (Guedes et al., 2020). Os conhecimentos e saberes sobre PM na PS é uma forma de melhor entender o processo saúde-doença da população, pois o saber popular que é repassado nas vivências em redes, como vizinhos, familiares e amigos, somam-se ao saber científico e possibilita uma ampliação do cuidado medicamentoso (de Oliveira Dantas et al, 2019).

Esse trabalho justifica-se como uma forma de compilação de ideias e propostas trazidas através de estudos científicos, para o uso das plantas medicinais e fitoterápicos fora do escopo da terapêutica, ou seja, não apenas como tratamento para doenças, mas também como forma de promover saúde, sendo esse um assunto não abordado na política nacional de promoção da saúde. Esse trabalho tem como objetivo identificar o uso de plantas medicinais como fator na promoção de saúde.

**2. Metodologia**

Foi realizada uma revisão integrativa tendo como questões norteadoras para guiar este estudo as seguintes: De que modo os profissionais de saúde podem conectar o uso de plantas medicinais à promoção da saúde? Quais as formas mais eficazes de utilização dessas plantas para esse fim?

Os trabalhos incluídos nessa revisão foram: estudos descritivos, quantitativos, qualitativos e experimentais, realizados no Brasil, que contemplassem uso das plantas medicinais na atenção primaria e o relacionassem com a promoção da saúde publicado no período entre 2001 e 2021, nos idiomas português e inglês. Foram utilizadas as bases de dados eletrônicas Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), SCOPUS, e PubMed. A busca foi realizada utilizando os descritores: “Plantas Medicinais e Promoção da Saúde” e “Medicinal Plants and Health Promotion”, que fazem parte dos Descritores em Ciências da Saúde – DeCS e MeSH.

Não foram selecionados para o estudo: editoriais, cartas e apostilas, por não apresentarem critério científico necessário para integrarem o estudo. Os artigos repetidos em mais de uma base de dados foram contabilizados uma única vez, vinculado a base com o maior número de publicações aceitas para o estudo

**3. Resultados e Discussão**

Foram selecionados 22 artigos que atenderam os critérios para serem incluídos neste estudo (Figura 1). Todos trabalhos realizados no Brasil, com ênfase nos temas de plantas medicinais relacionados à promoção da saúde, a visão dos pacientes, de profissionais e programas de gestão sobre os usos dessas plantas (Quadro 1).

**Figura 1** – Fluxograma de seleção dos artigos.



Fonte: Autores.

**Quadro 1.** Artigos distribuídos segundo as suas bases de dados, autores e metodologia.

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **BASE DE DADOS** | **AUTORES** | **METODOLOGIA** |
| PUBMED | (Medeiros & Cabral, 2001) | Criativo-sensível |
| PUBMED | (Ceolin et al., 2011) | Qualitativo |
| PUBMED | (Palhares et al., 2021) | Revisão bibliográfica |
| PUBMED | (Mattos et al., 2018) | Quantitativo transversal |
| PUBMED | (Ribeiro, 2019) | Análise por triangulação de métodos |
| PUBMED | (Badke et al., 2019) | Qualitativa; exploratório- descritivo |
| PUBMED | (Bruning et al., 2012) | Qualitativa; exploratório- descritivo |
| PUBMED | (Freitas Neto et al., 2020) | Qualitativa; exploratório- descritivo |
| PUBMED | (França et al., 2008) | Qualitativo Exploratório- descritivo |
| PUBMED | (Caccia-Bava et al., 2017) | Transversal multicêntrico |
| PUBMED | (Zeni et al., 2017) | Observacional |
| LILACS | (Haeffner et al., 2012) | Qualitativo-descritivo |
| LILACS | (de Araújo et al., 2014) | Seccional-quantitativo |
| LILACS | (Ribeiro et al., 2016) | Observacional Etnoecológica |
| LILACS | (Carvalho et al., 2020) | Relato de experiência |
| LILACS | (Badke et al., 2017) | Qualitativo |
| LILACS | (Ferreira et al., 2020) | Qualitativo |
| LILACS | (Gibertoni et al., 2014) | Relato de experiência |
| LILACS | (Júnior & de Varga, 2015) | Etnográfico qualitativo |
| LILACS | (Lima et al., 2019) | Qualitativa |
| LILACS | (Lima et al., 2018) | Quantitativa transversal |
| LILACS | (Machado et al., 2014) | Qualitativo Exploratório descritivo |

Fonte: Autores (2021).

Esse quadro demonstra que a quantidade de artigos relacionando o uso de PM, no que tange o campo da promoção da saúde, vem aumentando. Mais da metade (59%) dos estudos foram publicados nos últimos 5 anos, e esse número fica mais evidente se aumentarmos o escopo para dez anos já que 91% (20 artigos) são deste período.

Segundo o trabalho de Lima et al. (2018), entre as PIC’s mais utilizadas e sugeridas pelas unidades básicas de saúde, as PM são as mais indicadas, visto que, a prática do uso de chás para os mais diversos fins tem raiz cultural e é frequentemente passada de geração em geração. Esse saber milenar aliado a programas como a Academia da Saúde, que foi instaurado em 2011 pelo governo federal, traz uma visão mais ampla e o cuidado holístico para a promoção da saúde, ajudando na fomentação de métodos não alopáticos (Ferreira et al., 2020).

No aspecto sociodemográfico, o estudo de de Araújo et al. (2014), demonstra uma maior frequência no uso de PM entre mulheres e que as mesmas tem mais interesse pelo estudo e aprendizado sobre o sua utilização, não havendo diferença no uso entre classes sociais. Outro dado importante é que 98% das pessoas desse estudo cultivavam as plantas usadas em sua residência e aprendiam sobre as qualidades das mesmas através de pessoas conhecidas e 97% do total dos participantes, nunca recebeu nenhuma orientação sobre o uso em suas Unidades Básicas, bem como traz o estudo de Caccia-Bava et al. (2017) que traz um panorama das 4.249 unidades de saúde do estado de São Paulo e a prescrição de plantas medicinais ou fitoterápicos nesses locais onde apenas 467 (16%) dessas possuíam a disposição esse tipo de tratamento.

O trabalho de Medeiros e Cabral (2001) traz outra abordagem, onde enfermeiras fizeram um trabalho com mulheres da comunidade, relacionando os saberes popular e científico, com o intuito de verificar o uso das plantas por essas mães no dia a dia, sendo possível verificar que essas mulheres utilizavam de forma correta e essas PM, o estudo de Júnior e de Varga (2015) fez um apanhado sobre o conhecimento dos alunos do ensino médio e uma comunidade quilombola, num trabalho conjunto de aprendizado sobre as PM locais e seus principais usos, trazendo à tona a necessidade de uma orientação sobre esse uso, já que o conhecimento empírico é importante, mas traz consigo problemas, como também traz Zeni et al. (2017), que demostra que as plantas medicinais são largamente utilizadas e cultivadas pelas pessoas e a maioria desses usuários não possui nenhuma orientação sobre as interações que esses chás, mesmo quando usadas de forma não terapêutica, tem com o tratamentos medicamentosos convencionais.

Essa limitação no conhecimento não se dá apenas pela comunidade que utiliza PM, mas também é notado nos herbolários, pessoas responsáveis por cuidar de herbários e hortas terapêuticas, esses profissionais apresentam lacunas sobre a aplicação e os prejuízos que o mau uso das plantas pode causar aos usuários. Cerca de 50% dos profissionais dos herbários acreditavam que as PM eram incapazes de causar intoxicação (França et al., 2008). O conhecimento sobre esses tratamentos são passados de geração em geração e nem sempre se tem o apoio dos profissionais (Ceolin et al., 2011), esses profissionais precisam entender a forma com que as comunidades veem o processo de saúde-doença e incorporar esses saberes, através de diálogos e pesquisas que aproxime-os das pessoas (Lima et al., 2019).

O conhecimento popular se evidencia em estudos como o de Haeffner et al. (2012)que traz uma análise sobre agricultores e o uso de PM para alivio de dores e desconfortos, onde 48% das PM indicadas pelos mesmos já possuem ação analgésica comprovada e outros 39% ainda não foram estudadas para esse fim. Nessa perspectiva, assim como Ribeiro et al. (2016) trazem o conhecimento de outra comunidade sobre chás para o alivio de dores referentes ao trabalho, sendo uma forma de promover de bem estar e qualidade de vida. Segundo o estudo de Badke et al. (2019) o uso de PM não tem apenas o objetivo terapêutico, mas também traz o cuidado com o próximo, o autocuidado, o conforto e ao bem estar, o que vai de encontro com o que diz Ferreira Neto et al. (2013) que traz o uso de algumas PM como adjuvantes no tratamento de tuberculose, não apenas no viés terapêutico mas também na melhora da qualidade de vida desses pacientes frente aos efeitos colaterais dos remédios e dos sintomas.

Quanto aos profissionais, a taxa de prescrição ainda é baixa, os enfermeiros se mostram relutantes e inseguros em incentivarem o uso dessas plantas, visto que, o conhecimento deles sobre esse assunto se dá, em sua maioria, por vivencias familiares e não pelo viés acadêmico (Badke et al., 2017). No estudo de Mattos et al., (2018) os profissionais foram questionados se indicariam a concomitância do tratamento alopático com PM ou fitoterápicos, 73,8 % dos médicos foram favoráveis e 80% dos enfermeiros se mostraram favoráveis ao uso, e se perguntados se substituiriam o tratamento convencional somente por fitoterápicos, apenas 16,7% dos médicos foram favoráveis, o que corrobora com o estudo de Bruning et al, que mostra que 17% dos médicos disseram não prescrever PM ou fitoterápicos como tratamento (Bruning et al., 2012)**.**

O papel dos profissionais da saúde em fomentar o uso das plantas medicinais, a fim de promover saúde pode ser visto em trabalhos como o de Gibertoni et al. (2014), que visou integrar a comunidade com as unidades de saúde, promovendo encontros onde houve a troca de experiencias tanto com plantas medicinais, quanto com troca de saberes empíricos e religiosos. Assim como Carvalho et al. (2020), que traz um projeto da horta ecológica, onde pessoas da comunidade participam de reuniões e rodas de conversa com discentes da área da saúde, a fim de minimizar a distância desses profissionais e promover a troca do conhecimento entre os grupos, desde o cultivo das plantas, ao preparo dos chás e a abordagem aos usuários e participantes. A melhor maneira de utilizar as PM para a promoção da saúde é a junção do conhecimento popular com a orientação dos profissionais comorealizado no trabalho de Machado et al. (2014) , onde foi montada, conjuntamente com a população, uma cartilha voltada para a padronização e para o aumento do conhecimento cientifico da população idosa quanto ao uso e benefícios das PM mais utilizadas por eles.

O uso de fitoterápicos e plantas medicinais vem crescendo nos últimos anos e passou por duas fases distintas: uma anterior aos programas governamentais de uso desses compostos em 2008 e outra após essa data, sendo que, a principal diferença entre elas é o fato desses programas verticalizarem este conhecimento, fazendo com que as indústrias dominem essa área, que na verdade deveria estar mais horizontalizada, ou seja, vinculada as culturas e saberes de cada região(Ribeiro, 2019)**.**

**4. Conclusão**

A utilização de PM é uma tradição, e os estudos demonstram que ainda existe uma barreira entre o conhecimento acadêmico e o saber popular, evidenciado pelas pesquisas que tratam da visão dos profissionais sobre o encorajamento do uso das mesmas, há uma tendência na melhora de pacientes com o uso das plantas medicinais no que tange o aspecto de qualidade de vida e bem estar. Os programas de troca de experiência, se mostraram a melhor forma de interação e aprendizado entre os profissionais e a comunidade sendo, talvez, esse modelo o mais indicado para a promover a saúde, a proximidade e a troca de saberes entre esses indivíduos através das PM.

Trabalhos envolvendo a interação dos saberes entre os profissionais da saúde e a comunidade devem ser encorajados e fomentados, trazendo assim uma maneira segura no uso das PM, além de ser uma forma de rastrear, de maneira mais objetiva, quais plantas são utilizadas pela população e as suas peculiaridades, o que ajudaria em pesquisas farmacológicas na procura de novas formas de tratamento. A confecção de cartilhas, panfletos e aplicativos com instruções sobre o uso e as interações das PM, pode ser uma forma de aumentar o uso sem correr o risco de causarem dano aos usuários. No que tange a promoção de saúde, as formas de interação mais efetivas são as rodas de conversa e as hortas terapêuticas, programas de atenção básica que proporcionam o reconhecimento e a troca entre comunidade e profissionais da saúde.

Mais estudos precisam ser realizados na intenção de avaliar a qualidade das informações da comunidade, bem como fomentar e incentivar o aprendizado dos profissionais da saúde sobre a fitoterapia e o uso das PM, não apenas na linha terapêutica, mas também como promotor de saúde, visto que, orientar e ensinar o usuário do sistema noções de auto cuidado é promover saúde.

**Agradecimentos**

A Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), ao programa de Pós Graduação em Promoção da Saúde (PPGPS) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

**Referências**

Badke, M. R., Barbieri, R. L., Ribeiro, M. V., Ceolin, T., Martínez-Hernáez, À., & Alvim, N. A. T. (2019). Meanings of the use of medicinal plants in self-care practices. *Revista Da Escola de Enfermagem, 53*. <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2018047903526>

Badke, M. R., Heisler, E. V., Ceolin, S., Andrade, A. de, Budó, M. de L. D., & Heck, R. M. (2017). O conhecimento de discentes de enfermagem sobre uso de plantas medicinais como terapia complementar Nursing students knowledge on use of medicinal plants as supplementary therapy. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online, 9(2), 459–465*. <https://doi.org/10.9789/2175-5361.2017.v9i2.459-465>

Brizzolla, J. C., Coutinho, C., Amaral, C. P., & Gindri, A. L. (2018). Promoção da saúde e o uso de plantas medicinais no contexto escolar: um relato de caso. Vivências: *Revista Eletrônica de Extensão Da URI, 14(26), 281–292.* <http://www2.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_026/artigos/pdf/Artigo_23.pdf>

Bruning, M. C. R., Mosegui, G. B. G., & Vianna, C. M. de M. (2012). The use of phytotherapy and medicinal plants in primary healthcare units in the cities of Cascavel and Foz do Iguaçu - Paraná: The viewpoint of health professionals. *Ciência & Saúde Coletiva, 17(10), 2675–2685*. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012001000017>

Caccia-Bava, M. do C. G. G., Bertoni, B. W., Pereira, A. M. S., & Martinez, E. Z. (2017). Disponibilidade de medicamentos fitoterápicos e plantas medicinais nas unidades de atenção básica do estado de São Paulo: Resultados do programa nacional de melhoria do acesso e da qualidade da atenção básica (PMAQ). *Ciência e Saúde Coletiva, 22(5), 651–1659*. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017225.16722015>

Carvalho, A. L. B. de, Braga, L. R. A., Silva, D. F. da, Araujo, J. B. F. de, Amorim, M. do C. de, & Magalhaes, M. J. O. (2020). Vivências de acolhimento na unidade de saúde da família: a experiência do cantinho do chá na UBS do Grotão, João Pessoa/PB. *Saúde Em Redes, 6(1), 205–217*. <https://doi.org/10.18310/2446-4813.2020V6N1P>

Ceolin, T., Heck, R. M., Barbieri, R. L., Schwartz, E., Muniz, R. M., & Pillon, C. N. (2011). Medicinal plants: Knowledge transmission in families of ecological farmers in Souther Rio Grande do Sul. *Revista Da Escola de Enfermagem, 45(1), 46–53*. <https://doi.org/10.1590/s0080-62342011000100007>

Corrêa, A. D., Caminha, J. dos R., de Souza, C. A. M., & Alves, L. A. (2013). Uma abordagem sobre o uso de medicamentos nos livros didáticos de biologia como estratégia de promoção de saúde. *Ciência e Saúde Coletiva, 18(10), 3071–3081*. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013001000032>

Dar, R. A., Shahnawaz, M., & Qazi, P. H. (2017). General overview of medicinal plants: A review. *The Journal of Phytopharmacology, 6(6), 349-351.* <https://www.phytopharmajournal.com/Vol6_Issue6_08>

de Araújo, C. R. F., Silva, A. B., Tavares, E. C., da Costa, E. P., & Mariz, S. R. (2014). Perfil e prevalência de uso de plantas medicinais em uma unidade básica de saúde da família em Campina Grande, Paraíba, Brasil. *Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada, 35(2), 233–238*. <http://rcfba.fcfar.unesp.br/index.php/ojs/article/view/135>

de Oliveira Dantas, L R; Barbosa, E P; da Silva Araújo, I C; Dantas, C R; Pereira, W. L. (2019). Promoção do Uso de Plantas Medicinais em Grupo na Atenção Básica – Relato de Experiência. *Revista Brasileira de Educação e Saúde. Revista Brasileira de Educação e Saúde, 9, 66-69.* <https://doi.org/10.18378/rebes.v9i3.6520>

Ferreira, H. J., Kirk, D., & Janotta Drigo, A. (2020). Qualitative analysis of the health promotion work in a Academia da Saúde programme’s unit. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde, 25, 1–9*. <https://doi.org/10.12820/rbafs.25e0128>

Ferreira Neto, J. L., Kind, L., Resende, M. C. C., & Colen, N. S. (2013). Processos da construção da Política Nacional de Promoção da Saúde. *Cadernos de Saúde Publica, 29(10), 1997–2007*. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00032912>

Fitzgerald, M., Heinrich, M., & Booker, A. (2020). Medicinal plant analysis: A historical and regional discussion of emergent complex techniques*. Frontiers in pharmacology, 10, 1480*. <https://doi.org/10.3389/FPHAR.2019.01480/FULL>

França, I. S. X. de, Souza, J. A. de, Baptista, R. S., & Britto, V. R. de S. (2008). Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais. *Revista Brasileira de Enfermagem, 61(2), 201–208*. <https://doi.org/10.1590/s0034-71672008000200009>

Freitas Neto, W. A. de, Andrade, S. S. C. de A., Silva, G. D. M. da, Nery, J. S., Sanchez, M. N., Codenotti, S. B., Santos, M. A. S., Bedor, C. N. G., & Maia, G. L. de A. (2020). Plantas medicinais e pessoas com tuberculose: descrição de práticas de cuidado no norte da Bahia, 2017. Epidemiologia e Serviços de Saúde: *Revista do Sistema Único de Saúde do Brasil, 29(5), e2020046*. <https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000500006>

Gibertoni, F. S., Fonseca Filho, J. C., & Salomão, F. G. D. (2014). O uso de plantas medicinais na promoção da saúde e na valorização da cultura popular em um programa de saúde da família. *Revista de APS, 17(3). 408–414*. <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/15374>

Guedes, A., Borchardt, M., da Silva, M. V. M., & Rodrigues, K. F. (2020). Horta de Plantas Medicinais: Implantação e avaliação em uma unidade de saúde do município de Blumenau–SC. *Revista Ciência em Extensão, 16, 296-307*. <https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/2984/2440>

Haeffner, R., Heck, R. M., Ceolin, T., Jardim, V. M. da R., & Barbieri, R. L. (2012). Plantas medicinais utilizadas para o alívio da dor pelos agricultores ecológicos do Sul do Brasil*. Revista Eletrônica de Enfermagem, 14(3), 596–602*. <https://doi.org/10.5216/ree.v14i3.14910>

Júnior, A. J. V., & de Varga, I. A. (2015). Aproximações etnobiológicas no conhecimento sobre plantas medicinais: possibilidades para promoção do ensino em saúde. *Interfaces da Educação, 6(17), 162-187*. <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/751/694>

Lima, Â. R. A., Dias, N. da S., Lopes, L. B., & Heck, R. M. (2019). Necessidades de saúde da população rural: como os profissionais de saúde podem contribuir? *Saúde Em Debate, 43(122), 755–764*. <https://doi.org/10.1590/0103-1104201912208>

Lima, C. de A., Santos, A. M. V. de S., Messias, R. B., Costa, F. M. da, Barbosa, D. A., Silva, C. S. de O. E., Pinho, L. de, & Brito, M. F. S. F. (2018). Integrative and complementary practices: use by community health agents in self-care. *Revista Brasileira de Enfermagem, 71(suppl 6), 2682–2688.* <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0078>

Machado, H. L., Moura, V. L., Gouveia, N. M., Costa, G. A., Espindola, F. S., & Botelho, F. V. (2014). Pesquisa e atividades de extensão em fitoterapia desenvolvidas pela Rede FitoCerrado: Uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos por idosos em Uberlândia-MG. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais, 16(3), 527–533*. <https://doi.org/10.1590/1983-084X/13_072>

Mattos, G., Camargo, A., de Sousa, C. A., & Zeni, A. L. B. (2018). Medicinal plants and herbal medicines in primary health care: The perception of the professionals. *Ciência e Saúde Coletiva, 23(11), 3735–3744*. <https://doi.org/10.1590/1413-812320182311.23572016>

Medeiros, L. C., & Cabral, I. E. (2001). O cuidar com plantas medicinais: uma modalidade de atenção à criança pelas mães e enfermeira-educadora*. Revista Latino-Americano de Enfermagem, 9(1), 18–26*. <https://doi.org/10.1590/s0104-11692001000100004>

Palhares, R. M., Baratto, L. C., Scopel, M., Mügge, F. L. B., & Brandão, M. G. L. (2021). Medicinal Plants and Herbal Products From Brazil: How Can We Improve Quality? *Frontiers in Pharmacology, 11(January), p1–4*. <https://doi.org/10.3389/fphar.2020.606623>

Petrovska, B. B. (2012). Historical review of medicinal plants’ usage. Pharmacognosy Reviews, 6(11), 1–5. <https://doi.org/10.4103/0973-7847.95849>

Ribeiro, L. H. L. (2019). Análise dos programas de plantas medicinais e fitoterápicos no Sistema Único de Saúde (SUS) sob a perspectiva territorial. *Ciência & Saúde Coletiva, 24(5), 1733–1742*. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018245.15842017>

Ribeiro, S. C., Melo, N. D. P. de, & Barros, A. B. (2016). Etnoconhecimento De Pequenos Agricultores Tradicionais Sobre Plantas Medicinais No Tratamento De Dores Provocadas Pelo Trabalho. *Cadernos de Terapia Ocupacional Da UFSCar, 24(3), 563–574*. <https://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoao1249>

Ribeiro, V. P., Arruda, C., El-Salam, M. A., & Bastos, J. K. (2018). Brazilian medicinal plants with corroborated anti-inflammatory activities: A review. *Pharmaceutical Biology, 56(1), 253–268*. <https://doi.org/10.1080/13880209.2018.1454480>

Šantić, Ž., Pravdić, N., Bevanda, M., & Galić, K. (2017). The historical use of medicinal plants in traditional and scientific medicine. *Psychiatria Danubina, 29(1), 787–792*. Retrieved from <https://europepmc.org/article/med/29278625>

Santos, M. V. J. dos, Rosa, C. G. da, Santos, P. S. dos, Rausch, P. C., & Bellinati, N. V. C. (2019). Práticas Integrativas Na Promoção À Saúde Em Doenças Crônicas: Uma Revisão De Literatura Integrative Practices in Health Promotion in Chronic Diseases: a Literature Review. *Revista Interdisciplinar de Estudos Em Saúde, 41–56*. <https://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/ries/article/view/2134>

Shirabayashi, J. D. B., Amaral, E. C., Silva, G. R. D., Santos, A. F. D., Bortoloti, D. S., Lovato, E. C. W., & Lívero, F. A. D. R. (2021). Levantamento e frequência de uso de plantas medicinais por pacientes hipertensos e diabéticos. *Saúde e pesquisa. (Impr.), 319-331*. <https://doi.org/10.17765/2176-9206.2021v14n2e8237>

Zeni, A. L. B., Parisotto, A. V., Mattos, G., & Helena, E. T. de S. (2017). Utilização de plantas medicinais como remédio caseiro na Atenção Primária em Blumenau, Santa Catarina, Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva, 22(8), 2703–2712.* <https://doi.org/10.1590/1413-81232017228.18892015>